



## Os bons homens não deveriam ser espectadores silenciosos: o protesto compartilhado acaba com o cruel privilégio da impunidade?

A dor e a raiva de mais de um milhão de pessoas que twittaram #MeToo (#EuTambém), na última semana, inundaram as redes sociais com histórias pessoais sobre assédio ou assédio sexual. Esta marcha virtual de solidariedade marca tanto a urgência de encontrar uma voz compartilhada quanto a escala de assédio escondida, que anteriormente não tinha registro. Quando as mulheres são quase invisíveis, quando elas não são realmente vistas, parece que as pessoas não precisam se importar com o que acontece com elas.

Este clamor online é importante porque está dando voz a atos que são públicos, mas que são silenciados e neutralizados por convenção. É um cruel privilégio ser capaz de assediar uma menina ou uma mulher com impunidade, mas em muitos casos, esta é a norma. O que estamos vendo atualmente, à medida que as mulheres constroem e reforçam as contas uma das outras, e como os homens se juntam para reconhecer seu papel, é uma validação da justiça de falar. Estamos vendo também a força em números que vem de experiências individuais acumuladas que são caracteristicamente não declaradas.

À medida que a multidão constrói aquelas mulheres que contam sua história, vemos que uma imagem da vida real começa a surgir. Uma massa crítica está crescendo, o que prova o quanto há de errado quando as pessoas podem agir impunemente em uma cultura de silêncio.

A onda on-line junta-se aos outros movimentos de massas que expressam o ativismo das mulheres: as marchas latino-americanas "Ni Una Menos" protestam contra a violência contra as mulheres e particularmente contra os menos privilegiados; as marchas das mulheres que ocorreram em todo o mundo no início deste ano em apoio aos direitos das mulheres e outras liberdades; e as marchas na Polônia e na Irlanda contra a proibição do aborto.

O manto do silêncio também protegeu os perpetradores de assédios em comunidades LGBTI e mulheres que são mais vulneráveis por razões de etnia, pobreza ou idade. Essas mulheres são as mais afetadas e menos visíveis têm o máximo a ganhar com a força coletiva das vozes que constroem a pressão dos pares e as mudanças culturais. Por trás disso, estava Tarana Burke, organizadora da comunidade de Nova York que servia mulheres negras jovens, quem criou "me too (eu também)", e sua amiga Alyssa Milano. Elas pegaram a mensagem e tornaram catalisadora para bilhões de pessoas.

A participação plena e livre das mulheres na sociedade, na política e no local de trabalho é essencial para que as vozes das mulheres sejam ouvidas e seus direitos sejam respeitados. Quanto mais mulheres ocuparem papéis de representação sênior nos setores público e privado, mais oportunidades há de mudança na cultura da invisibilidade e da impunidade, onde homens mais poderosos ataquem as mulheres. As formas sexuais e outras formas de assédio no trabalho, em casa e fora do lar não são aceitáveis e não devem ser ignoradas.

Indiferença casual e as pessoas que dizem "não é nada" precisam parar. O número de homens que aderiram a esta campanha é promissor, mas longe de ser suficiente (30% em um relatório). Já foi longe demais o tempo em que a cegueira permissiva é a norma. Isso é sobre ambos, mulheres e homens, que

mudam sua resposta a atos de agressão sexual e atuam em solidariedade para torná-lo visível e inaceitável. Os bons homens não devem ser espectadores silenciosos.

Precisamos ter todas as mulheres empoderadas para falar sobre seus direitos e corpos respeitados, e os comportamentos estabelecidos e enraizados como normais que deixam ninguém para trás. Não há mais impunidade.

Saudamos as milhares de mulheres que têm lutado contra todas as violações dos direitos das mulheres e meninas e convocam um investimento renovado na luta para acabar com toda a violência contra as mulheres.

**Phumzile Mlambo-Ngcuka, secretária-geral adjunta da ONU e diretora executiva da ONU Mulheres**